



ESTAMOS RICOS, MAS PODE NÃO SAIR BARATO: INTERSECÇÕES ENTRE A RECENTE EVOLUÇÃO DO SISTEMA MONETÁRIO INTERNACIONAL E O ATUAL PROTAGONISMO DOS BRICS

We are rich, but it might not come cheap: Intersections between the recent evolution of the international monetary system and the current prominence of the BRICs

Maíra Baé Baladão Vieira¹

É patente, na atualidade, a prosperidade que usufruem as economias emergentes em detrimento dos processos recessivos em andamento nas economias avançadas. Em grande parte, a boa maré pode ser atribuída aos grandes influxos de investimento que estas economias vêm recebendo desde meados da década de 1990. A capacidade de acúmulo de divisas estrangeiras vem possibilitando que os países incluídos no processo possam, inclusive, se valer de *hard politics*, tal qual tradicionais colonizadores, utilizando seus novos abundantes capitais para exercer certa dose de poder real junto a economias menos desenvolvidas, como as africanas. O ponto pitoresco dessa situação reside em que o potencial apropriado por países emergentes como os BRICs para o exercício efetivo de influência política, econômica e militar em terceiros Estados pode ser atribuído a mudanças no mecanismo do sistema monetário internacional que pareceram bastante vantajosas aos países desenvolvidos na década de 1970, em termos de resolução de seus conflitos internos, mas que acabaram por gerar mudanças estruturais que os desfavoreceram. O ponto preocupante, que subjaz nesta abordagem,

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. (mairabae@gmail.com)

trata dos movimentos recentes realizados de modo unilateral pelos Estados Unidos, na forma de ajustes macroeconômicos, que podem colocar em derrocada o atual sistema.

Algumas questões devem ser colocadas a fim de que possamos entender este fenômeno que reflete, em alguma medida, uma das derradeiras possibilidades de expansão territorial do sistema capitalista – a inclusão da África no capitalismo moderno. A **primeira** delas seria em relação à compreensão do processo que alterou as dinâmicas do sistema monetário internacional e as razões de sua ocorrência. A **segunda**, os impactos resultantes da nova configuração no panorama econômico dos países emergentes e a reação dos mesmos frente às novas possibilidades dadas pelo fim de suas restrições financeiras, atávicas até então. E, em **terceiro** lugar, deve ser evidenciada a incógnita em relação às possíveis ações por parte dos países desenvolvidos no sentido de reverter este quadro e o despontamento do que pode ser a tendência ao dismantelamento da atual configuração, sistematizada na hipótese da existência de um arranjo Bretton Woods 2 (BW2).

Em relação à primeira das questões apontadas, reza a lenda que a construção do sistema monetário internacional esteve constantemente ligada aos objetivos da política macroeconômica dos Estados Unidos, legitimados por seu poderio militar. O “tiro que saiu pela culatra” é apontado por Franklin Serrano (SERRANO, 2004) como sendo a “ofensiva conservadora interna com priorização do controle da inflação e resolução do conflito distributivo interno a favor das classes proprietárias”, as políticas de controle inflacionário impostas por Reagan ao final da década de 1970. Até então, os Estados Unidos operavam em termos da manutenção de altas taxas de crescimento, sendo que entre 1947 e 1968 o compromisso se dava por conta da ameaça soviética o que justificava suporte incondicional aos países aliados. A pós 1968 – até 1979 – persistiu a tentativa de manutenção de altos níveis de emprego interno, ainda que à custa do abandono de Bretton Woods e com grande prejuízo do ganho financeiro nos EUA, pois as baixas taxas de juros não permitiam elevados rendimentos, o que também consolidou a formação do mercado de eurodólares com a migração destes capitais.

Em resposta à “restauração da hierarquia”² (SERRANO, 2004) imposta por Reagan em 1979, a elevação da taxa de juros provocou grande atração de capitais e a valorização do dólar. Mas a ocorrência de uma recessão mundial, já que os demais países industrializados acompanharam a alta dos juros americana para evitar fuga massiva de capitais, fez com que os preços nominais em dólares caíssem, o que auxiliou a desaceleração da inflação nos EUA, ainda que o país tenha ingressado na sua pior recessão do pós-guerra, antes de 2008, com níveis recorde de desemprego. Na Europa, a alternativa à “euroesclerose” (desemprego elevado e crescente) seria motor do aprofundamento do processo de integração, que necessitava, neste ponto, de uma moeda única para que fossem vencidas as oposições protecionistas remanescentes à liberalização comercial (EICHENGREEN, 2003). Solucionado o problema da perigosa ascensão da classe proletária, outro efeito colateral, importante para os argumentos aqui colocados, surge destas medidas em razão da valorização do dólar: o estímulo à transferência das locações industriais para países em desenvolvimento.

Associadas a estes eventos, Susan Strange (STRANGE, 1998) aponta algumas novidades surgidas em meados da década de 1980 que também levaram à desestruturação do sistema monetário internacional, a saber, a grande mudança nos padrões tecnológicos que propiciou maior sofisticação à maneira pela qual operam os mercados financeiros; O próprio tamanho destes mercados em termos dos volumes transacionados, dos novos centros financeiros e seu enorme contingente laboral; O “fim da atividade bancária” em termos das operações clássicas de intermediação, uma vez que os bancos de investimentos apostam seu próprio dinheiro no “cassino” financeiro, abstendo-se da reservada e protegida atuação de outrora; A emergência da Ásia; E, por fim, as alterações no padrão de coordenação dos mercados, antes exercida pelos bancos centrais e, posteriormente, deixada à mercê da auto-regulação.

Estas inovações acabaram por contribuir para o aprofundamento daquilo que é hoje amplamente debatido como globalização financeira. O descolamento do investimento financeiro de suas bases nacionais, ou até mesmo o descolamento destes investimentos das bases produtivas de modo diretamente vinculado e proprietário, por

² Como chama o autor à ofensiva conservadora.

sua vez, propiciaram o surgimento de algumas figuras inusitadas no cenário financeiro internacional, como por exemplo, o *alliance capitalism*, como chamado por Dunning (DUNNING, 1997) ao processo que altera a natureza da atividade econômica que se tornou especializada, complexa e porosa, tendo sua dimensão espacial passado de nacional, para regional, para internacional e por fim, para global.

Esta difusão em termos de propriedade também evidencia-se nos processos de inserção individual dos principais atores econômicos, as empresas transnacionais, que aprofundaram a concentração capitalista nos rumos da financeirização acentuada na década de 1990 após a massificação das medidas neoliberais e promoveram grandes fusões e aquisições que possibilitaram a criação de grandes conglomerados empresariais para onde migram as nuvens de capitais descoladas das formas tradicionais de rendimento sem que possam ser detectadas pelo observador comum sua propriedade, procedência, permanência ou destino. Ao fim e ao cabo, a erosão dos controles sobre os movimentos internacionais de capitais alterou a composição dos mesmos, que passaram a ser majoritariamente investimento direto e de portfólio em substituição aos tradicionais empréstimos (ACIOLY, 2009).

A globalização financeira, ou “mundialização” financeira na concepção de Chesnais (CHESNAIS, 2005), com gênese nos processos acima descritos, fundamentou-se em um *continuum* de desregulamentação e liberalização que desmontou as barreiras à atividade financeira nos países industrializados, o que levou as empresas transnacionais a optarem pela centralização dos ganhos não reinvestidos na produção que as respaldou na opção pela atuação financeira internacional em detrimento da produtiva. Nesta corrida pelo lucro, alguns países selecionados obtiveram a chancela dos mercados financeiros para se tornarem destino dos capitais acumulados tanto por indústrias, quanto por suas *holdings*, sendo que para estes atores transnacionais os percursos geográficos de seus investimentos eram ideologicamente indiferentes, desde que suficientemente seguros.

Entretanto, na própria expressão de Chesnais, “A mundialização do capital não apaga a existência dos Estados Nacionais, nem as relações de dominação e dependência políticas entre eles. Ao contrário, ela acentua os fatores de hierarquização entre os

países” (CHESNAIS, 2005:20). Este processo, em oposição ao que deveriam ser as intenções dos países desenvolvidos ao alterar suas políticas macroeconômicas quando da “revolução conservadora” de Thatcher e Reagan, acabou por gerar um imenso fluxo de investimentos em direção às economias em desenvolvimento, provocando em consequência, uma escalada dos países emergentes rumo ao centro da política mundial.

Para uma dimensão do que representa a mundialização financeira, remonta-se ao seguinte excerto do texto de Norman Gall, que representa o preocupante quadro de alavancagem da atualidade:

O estoque financeiro mundial – o total de depósitos bancários, títulos de dívida privada, dívidas governamentais e participações acionárias— passou de US\$10 trilhões em 1980, próximo do valor do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, para US\$167 trilhões em 2006, quase quatro vezes o PIB mundial. Apenas em 2006, os ativos financeiros globais tiveram um aumento de US\$25 trilhões, ou quase 18%, um crescimento três vezes maior que o PIB, liderados por aumentos nos ativos dos Estados Unidos (US\$5,7 trilhões) e China (US\$2,8 trilhões). Enquanto isso, as reservas de divisas dos governos passaram de US\$910 bilhões em 1990 para US\$5 trilhões em 2006, tendo dobrado desde 2000. Este aumento grande e acelerado faz parte da globalização financeira. Os ativos internacionais dos bancos subiram de US\$6 trilhões em 1990 para US\$37 trilhões em 2007, o equivalente a mais de 70% do PIB mundial, com operações com mercados emergentes ultrapassando os US\$4 trilhões. O volume diário dos negócios nos mercados internacionais de divisas cresceu de \$200 bilhões na década de 1980 para \$3,9 trilhões hoje (GALL, 2008).

Em linhas similares, a evidência da transferência de capitais para as economias emergentes pode ser apreciada em virtude da demonstração simples dos montantes envolvidos no processo: o fluxo líquido de capitais privados direcionados às economias emergentes aumentou de 90 bilhões de dólares em 2002 para 709 bilhões de dólares em 2007 (havendo decaído nos anos seguintes para novamente aumentarem em 2010 atingindo quase 500 bilhões), conforme o *World Economic Outlook* do FMI (IMF, 2010 *apud* CGFS, 2011). Os últimos dados reunidos pela UNCTAD, em relação aos investimentos diretos estrangeiros podem ser observados na Figura1. Estes fluxos também resultaram na acumulação de grandes reservas de divisas estrangeiras por parte das economias emergentes, que por sua vez passaram a reorganizar sua inserção

financeira internacional por meio de mecanismos como fundos soberanos ou, como ponto privilegiado da presente discussão, por meio da aquisição de ativos em países periféricos (o caso africano aqui ressaltado a título de exemplo).

Table II.1. FDI flows, by region, 2007–2009
(Billions of dollars and per cent)

Region	FDI inflows			FDI outflows		
	2007	2008	2009	2007	2008	2009
World	2 100	1 771	1 114	2 268	1 929	1 101
Developed economies	1 444	1 018	566	1 924	1 572	821
Developing economies	565	630	478	292	296	229
Africa	63	72	59	11	10	5
Latin America and the Caribbean	164	183	117	56	82	47
West Asia	78	90	68	47	38	23
South, East and South-East Asia	259	282	233	178	166	153
South-East Europe and the CIS	91	123	70	52	61	51
<i>Memorandum: percentage share in world FDI flows</i>						
Developed economies	68.8	57.5	50.8	84.8	81.5	74.5
Developing economies	26.9	35.6	42.9	12.9	15.4	20.8
Africa	3.0	4.1	5.3	0.5	0.5	0.5
Latin America and the Caribbean	7.8	10.3	10.5	2.5	4.3	4.3
West Asia	3.7	5.1	6.1	2.1	2.0	2.1
South, East and South-East Asia	12.3	15.9	20.9	7.9	8.6	13.9
South-East Europe and CIS	4.3	6.9	6.3	2.3	3.1	4.6

Source: UNCTAD, FDI/TNC database (www.unctad-arg/fdistatistics).

Figura1: reprodução de quadro da página 31 de relatório da UNCTAD (World Investment Report, 2010).

Tanto surpreende este comportamento dos capitais privados que se destinaram – e seguem destinando-se – a mercados emergentes, que foi chamado por Toloui de “anomalia histórica” (TOLOUI, 2007). Não faz parte da normalidade, da lógica capitalista, o acesso a grandes fluxos financeiros por parte das economias emergentes que tradicionalmente importavam, com alto custo, capitais das economias superavitárias a fim de financiar seus persistentes déficits em conta corrente. A demanda por capital reprimida na forma da subutilização da mão de obra, refletida em um grande potencial para crescimento via constituição de mercados internos e atendimento de um *standard* de consumo considerado básico para economias avançadas, fez com que a disponibilidade financeira propiciasse intenso crescimento em um seleto grupo de países emergentes, com significativas melhoras no padrão de vida dessas populações e aumento de sua renda *per capita*.

Os países destinatários destes fluxos puderam, ainda, promover em terceiros países réplicas de iniciativas dos quais foram atores passivos por grande parte de sua

historia. Neste ponto é que retorna a segunda questão abordada, em relação às políticas de inserção internacional ocasionadas pela inusitada liquidez. Várias razões poderiam ser elencadas para justificar a ação internacional dos países emergentes – no caso em questão, colocado a título de exemplo – no continente africano: os investimentos diretos proporcionam acesso a commodities energéticas, provimento de segurança alimentar nos países investidores e o exercício de poder coercitivo que poderá mais tarde ser capitalizado até mesmo em termos multilaterais (e aí deve ser considerado o agrupado numérico de nações do continente). Para além destas motivações, a exportação de capitais por países emergentes promove redução da pressão exercida pelos investimentos recebidos sobre suas moedas e minimiza a perda de competitividade gerada pela valorização cambial, também propiciando acesso a mercados para seus produtos manufaturados de baixa intensidade tecnológica e projeção internacional por meio de suas empresas transnacionais, forjadas a duras penas em processos internos de acumulação com pleno suporte estatal. Pode ainda ser mencionado que a aquisição de ativos transnacionais, que podem adquirir valor estratégico no futuro, possibilita a alocação de capitais em uma região na qual a taxa de formação bruta de capital fixo é bastante superior às demais regiões mundiais, dentre muitas outras.

Enquanto que, para os investidores fixados nos países desenvolvidos apenas um seleto grupo de economias emergentes é digno de sua atenção (personificados em carteiras de investimentos como a tão bem sucedida “BRICs” da Goldman Sachs) para os capitais dos países emergentes o potencial apresentado pelas economias africanas para que nelas sejam induzidos processos de desenvolvimento econômico semelhantes aos que foram vivenciados por eles, justifica o risco atrelado à escolha. Para fins de simplificação, Arrighi (ARRIGHI, 1986) sintetiza a natureza da ação aqui descrita como uma tentativa dos países semi-periféricos que tenderão a buscar incessantemente meios de promover sua escalada rumo ao centro, ou melhor, rumo ao aumento das atividades características do centro em sua economia, para fins de alteração de seu próprio *status* de semi-periferia no sistema. Estas atividades são rudimentarmente caracterizadas como aquelas que detêm uma fatia maior da mais-valia proporcionada pela atividade produtiva, ou seja, as cadeias produtivas que concentram maior retorno de capital, mas

são aqui operacionalizadas como aquelas particulares à atuação das empresas transacionais que, em sua ampliação horizontal, acabam por criar falhas de mercado que possibilitem controle significativo do setor no qual estão inseridas.

Na qualidade de periferia do sistema, o continente africano apresenta grandes perspectivas para os investimentos dos países emergentes, também em razão do papel que pode ser desempenhado por países como os semi-periféricos do grupo BRICs nestas economias. Para Arrighi (ARRIGHI, 2002) a principal diferença entre as economias africanas e as economias asiáticas e latino-americanas reside no processo de formação de uma liderança capitalista nacional, capaz de organizar o excedente de mão de obra. A “crise africana” iniciada em meados da década de 1970 com o advento das mudanças sistêmicas introduzidas pelos Estados Unidos, em resposta à crise de superprodução capitalista dada pela intensificação da competição frente a recursos – naturais e humanos – escassos, é assim explicada pelo autor. Enquanto a Ásia foi capaz de contar com a abertura do mercado americano para seus produtos intensivos em mão de obra, a África não dispôs de uma organização capitalista endógena, capaz de se beneficiar deste momento, permitindo que aumentassem sua capacidade importadora, mediante altos déficits comerciais.

A terceira parte deste raciocínio, ou, a terceira questão previamente colocada, remete à conjuntura da estrutura do atual sistema monetário, que desencadeou os fenômenos anteriormente descritos e as tendências que se apresentam em termos de alteração dos moldes vigentes, alcunhados como Bretton Woods 2 (BW2). Embora não sejam definitivas as tendências apresentadas pelos formuladores das políticas macroeconômicas norte-americanas, até mesmo pelo caráter interno da crise política que busca impedir o aumento do endividamento público para dificultar as ações do governo Obama por parte dos republicanos, esta poderá ser mais uma medida de ajuste interno que acabará por gerar irreversíveis alterações estruturais, a exemplo daquelas da década de 1970. Há muito que a frágil condição do dólar enquanto moeda de reserva é criticada, sem que se materializem, no entanto, restrições às políticas monetárias norte-americanas que possibilitam a monetização das dívidas do país, gerando inflação global. E, para evidenciar os possíveis efeitos deletérios destes ajustes, caberia menção à

chacota de Barry Eichengreen, a de que os Estados Unidos colocam o resto do mundo de cama a cada espirro.

Sumarizando as questões aqui levantadas, diante dos resultados gerados pelos processos anteriormente descritos, os países desenvolvidos – as economias avançadas, as potências tradicionais, o centro do sistema – encontram-se empenhadas em reverter as transferências de recursos para as economias emergentes (semi-periferia) que provocaram, dentre outras razões, processos estagnantes justamente nos países nos quais os capitais se originam. O estancamento do processo, hoje encabeçado pelas incipientes iniciativas norte-americanas de combate ao déficit público, que resultarão inevitavelmente em alteração de sua posição deficitária na conta corrente de seu balanço de pagamentos, o que garante a expansão da oferta do pivô dos meios de troca internacionais, o dólar, pode vir a ser o início de uma nova desestruturação no sistema monetário internacional, com grande potencial para o surgimento de quadros recessivos endêmicos em escala global e retrocesso nas posições, rumo ao centro do sistema, galgadas pelos BRIC's.

Caberia ainda lembrar um processo detectado por Polanyi (POLANYI, 2000) que se refere à interpretação do que seria o equilíbrio de poder mantido durante a vigência do padrão-ouro. Este equilíbrio foi tomado pelo autor como simples pacifismo pragmático para fins de sobrevivência das unidades envolvidas e implodiu por conta do fracasso da economia mundial, que por sua vez não prosperou quando passou a basear-se no mercado auto-regulável. Contemporaneamente, o sistema monetário encontra-se em uma fase de transição, com a insurgência de interesses que talvez não privilegiem a paz em relação à segurança e à soberania. A tensão crescente instalada nos países desenvolvidos por conta dos processos recessivos pode fazer ressurgirem cenários nos quais prósperas fases de integração inexoravelmente resultaram no aumento da competição, derivando para a instalação de conflitos. O sistema monetário internacional necessita de um novo arranjo que permita a mediação dos interesses antagônicos dos atores privados e estatais, haja vista o protagonismo dos primeiros na atual conjuntura.

REFERÊNCIAS

- ACIOLY, Luciana. Mudanças Institucionais e a Lógica de Expansão da Grande Empresa. Texto para discussão 1419. Ipea, Rio de Janeiro, 2009.
- ARRIGHI, Giovanni. The African Crisis: World Systemic and Regional Aspects. *New Left Review*. V 15, p. 5-36. May-june, 2002.
- ARRIGHI, Giovanni; DRANGEL, Jessica. The Stratification of the World-Economy: An Exploration of the Semiperipheral Zone. *Review*. New York. Volume X, Number 1, p. 9-74. Summer, 1986.
- CGFS. Capital Flows and Emerging Markets Economy, CGFS Papers, n. 33 – January. Basel: Commission on Global Financial System, 2011.
- CHESNAIS, François. Doze teses sobre a mundialização do capital. In: FERREIRA, Carla; SCHERER, André Forti (Org.). *O Brasil frente à ditadura do capital financeiro*. Lajeado, RS: Univates, 2005.
- DUNNING, J. H. *Alliance Capitalism and Global Business*. London/New York: Routledge, 1997.
- EICHENGREEN, B. *A Globalização do Capital*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- GALL, Norman. A festa do crédito e a economia mundial: Dinheiro, ganância, tecnologia. *Braudel Papers*, Nº 43 - 2008. Disponível em: http://pt.braudel.org.br/publicacoes/braudel-papers/downloads/portugues/bp43_pt.pdf. Acessado em 14/07/2011.
- IMF. *World Economic Outlook: Rebalancing Growth*. Washington, April 2010.
- POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.
- SERRANO, Franklin *Relações de Poder e a Política Econômica Norte-Americana, de Bretton Woods ao Padrão Dólar Flexível*. In FIORI, J. L. *O Poder Americano*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- STRANGE, Susan. *Mad Money: when markets outgrow governments*. Ann Arbor: Michigan, 1998.
- TOLOUI, Ramin. *When Capital Flows Uphill: Emerging Markets as Creditors*. PIMCO, June 2007.



Artigo recebido em 12 de Setembro de 2011. Aprovado em 20 de Outubro de 2011.

RESUMO

Os recentes ajustes macroeconômicos norte-americanos podem colocar em derrocada a atual configuração do atual sistema monetário internacional que propiciou as condições para que países emergentes como os BRICs se valessem do exercício efetivo de influência política, econômica e militar em terceiros Estados.

PALAVRAS-CHAVE

Sistema monetário internacional; BRIC's; Semi-periferia.

ABSTRACT

The recent U.S. macroeconomic adjustments might overthrow the current configuration of the international monetary system that provided conditions for emerging countries, like the BRIC's, for performing political, economic and military influence in third States.

KEYWORDS

International Monetary System; BRIC's; Semi-periphery.